

Árvores

TREES

DESENHO
PORTUGUÊS E EUROPEU
(SÉCULOS XVI–XIX)

PORTUGUESE AND
EUROPEAN DRAWINGS
(16TH–19TH CENTURY)



Cravada num trecho de paisagem urbana constituída por grandes massas de edifícios arruinados, a árvore desenhada por Polidoro Caldara da Caravaggio (c. 1499-1543) emerge entre o restante arvoredo como única entidade viva da composição. A sua presença frágil recorda a brevidade da vida ante os ciclos mais longos da passagem do tempo e das civilizações.

A tipificação das paisagens de Giovanni Francesco Barbieri, conhecido por Guercino (1591-1666), que se estendeu aos operosos desenhadores do seu círculo, corresponde a um modelo de encenação dos diversos elementos que estruturam a percepção da realidade. Tanto as árvores, como os restantes elementos, são abordados como esquemas abstratos, reduzidos no seu grafismo. Também o tratamento gráfico simplificado, sem recurso a sombras, com que Giovanni Francesco Grimaldi (1606-1680) aborda vegetação e árvores, idêntico ao que emprega nos restantes elementos da paisagem, confere grande unidade às suas representações. Idêntica unidade e o mesmo grau de abstração são obtidos por Giovanni Francesco Castiglione (1641-1710) que introduz, porém, uma distorção ao utilizar uma escala de grandes dimensões e especial detalhe para a representação da árvore, quando comparada com as singelas figuras implantadas na sua base (pastor montado, conduzindo rebanho de ovelhas), que resultam, assim, quase impercetíveis ante o nosso olhar.

A paragem durante a caçada, na aguarela atribuída a Philips Wouwerman (1619-1668), realiza-se junto a uma árvore seca, representação muito comum no período barroco e de grande efeito cenográfico. Idêntico objeto persegue a paisagem composta por um anónimo desenhador francês de Setecentos, onde a natureza domesticada e encenada proporciona um galante espaço de recreação.

Pujantes ou tímidas e esguias, as árvores desenhadas pelo Cavaleiro Faria (atividade conhecida 1769-1771) fundem-se, através da cor e pelo grafismo empregue, com o ambiente envolvente, tutelando as fugazes e ilusórias atividades humanas e incarnando a vida com seus ritmos.

Set in an urban landscape consisting of large masses of ruined buildings, the tree drawn by Polidoro Caldara da Caravaggio (c. 1499-1543) stands out from the others as the only living being in the composition. Its fragile presence reminds us of the relative brevity of life when compared with the longer cycles of the passage of time and civilisations.

The typification of landscapes that marked the work of Giovanni Francesco Barbieri, better known as Guercino (1591-1666), was also found in the work of the other industrious drawers from his circle and corresponds to a particular model developed for arranging the various elements that structure our perception of reality. Not only the trees, but also the other features of his drawings are approached as abstract schemes, with a fairly limited use of graphic detail. A similarly simplified graphic treatment, without recourse to the use of shade, was adopted by Giovanni Francesco Grimaldi (1606-1680) in his drawings of vegetation and trees, using an identical approach to his depiction of the other features of the landscape and affording a great unity to his representations. An identical sense of unity and the same degree of abstraction are achieved by Giovanni Francesco Castiglione (1641-1710), although he does, however, introduce a distortion by using an exceptionally large scale and special details for the representation of the tree, when compared with the simple figures that he places at its base (a shepherd mounted on a horse, directing his flock of sheep), which thus become almost imperceptible to our gaze.

The pause during hunting, depicted in the watercolour attributed to Philips Wouwerman (1619-1668), takes place next to a dry tree. This was a very common representation in the baroque period and produced a great scenographic effect. An identical aim is pursued in the landscape composed by an anonymous French artist from the 18th century, where nature has been tamed and staged to provide a space of chivalrous recreation.

Sometimes exuberant, sometimes timid and slender, the trees drawn by Cavaleiro Faria (known to be active from 1769-1771) become fused with their surrounding environment,

Posição muito diferente é assumida pelo francês Alexandre-Jean Noël (1752-1834) que, cedendo ao fascínio exercido por um pinheiro observado na estrada junto às Caldas de Óbidos, o transforma em elemento predominante do seu registo gráfico. Também os ciprestes desenhados por Vieira Portuense revelam a sua atenção à estrutura das formas. De configuração escultórica, vão sendo construídos a partir do interior, da estrutura dos troncos, revestidos depois por ramos e folhagem, modelados por uma luz forte e contrastada.

Por seu turno, o tema da luz noturna, banhando uma paisagem durante a lua cheia, é o escolhido por um misterioso desenhador do início de Oitocentos, que assina P. Rossel. A cortina de árvores projetando sombra no primeiro plano torna inquietante uma cena que o não seria em plena luz do dia, produzindo uma ambiência densa, perturbante, em consonância com o período de afirmação do movimento romântico.

Curioso exercício, desenvolvido num grafismo sintético, é o grupo de árvores desenhadas por D. Pedro V, implantadas no centro da folha e apenas suportadas por sintéticas linhas de referência pela paisagem circundante. Outras evocações são mais descritivas, como a de Leonel Marques Pereira (1828-1892), ou a do seu contemporâneo Tomás da Anunciação (1818-1879), que prefere criar uma ambiência de floresta, numa paisagem construída em torno de uma árvore de magnífico porte. Essa inquirição, conjugada com as formas e atmosferas, recreando o efeito das estações sobre as árvores e a paisagem, é igualmente adotada pelo tardo-naturalista neerlandês Cornelius Springer (1817-1891).

through the colour and graphic details that he uses, standing guard over the fleeting and illusory activities of human beings and embodying the different rhythms of life.

A very different position is assumed by the Frenchman Alexandre-Jean Noël (1752-1834), who, yielding to the fascination exerted by a pine-tree he observed on the road close to Caldas de Óbidos, transforms this into a prominent feature of his graphic work. Similarly, the cypresses drawn by Vieira Portuense reveal this artist's careful attention to the structure of forms. Afforded a sculptural configuration, these trees are constructed from the inside out, starting from the structure of the trunks, after which they are covered with branches and foliage, being shaped by a strong contrasting light.

In turn, the theme of nocturnal light, flooding across a landscape on the night of a full moon, is chosen by a mysterious drawer from the early 18th century, who signs himself as P. Rossel. The curtain of trees projecting shadow onto the foreground turns a scene that would not normally be upsetting in broad daylight into something quite disturbing, producing a dense and perturbing atmosphere, in keeping with the period that marked the affirmation of the romantic movement.

A curious exercise, developed in the form of a synthetic drawing, is to be noted in the group of trees drawn by Dom Pedro V, placed in the centre of the sheet and only supported by synthetic lines of reference drawn through the surrounding landscape. Other evocations are more descriptive, such as that produced by Leonel Marques Pereira (1828-1892), or the one provided by his contemporary Tomás da Anunciação (1818-1879), who prefers to create the atmosphere of a forest in a landscape built around a magnificently impressive tree. This same interrogatory approach, combined with forms and atmospheres, recreating the effect of the seasons on the trees and the landscape, is also adopted by the Dutch late naturalist Cornelius Springer (1817-1891).

Sala do Mezanino Mezzanine Room
28 de junho – 27 de outubro 2013
28th June – 27th October 2013



Apoio Support:



FICHA TÉCNICA

COMISSARIADO E TEXTO CURATORSHIP AND TEXT
Alexandra Gomes Markl

MONTAGEM DOS DESENHOS FRAMING
Agostinho Oliveira

DESIGN FBA.

MONTAGEM INSTALLATION Museu Nacional de Arte Antiga

TRADUÇÃO TRANSLATION John Elliott